

Ofício de escritor

FABRÍCIO CARPINEJAR

O escritor não é um ser de exceção, fora de série. Não representa um semideus. Empurra o carrinho de supermercado como qualquer um. Por ser tão prosaico é capaz de observar a normalidade de um jeito especial, de se importar com a banalidade e se identificar com o que é descartado.

Escrever é um trabalho solitário, mas a solidão não pode ser blindada pela arrogância. Deve ser uma solidão generosa, que abre sua varanda para as dúvidas, inquietações, diferenças e perplexidades de seus contemporâneos.

Infelizmente a mistificação e a auto-suficiência consolidaram o equívoco de que o escritor não depende de mais ninguém, a não ser do talento e da inspiração. E não bastam as críticas para avisar de caminhos possíveis. As resenhas desfavoráveis são classificadas de mal-intencionadas. As positivas reforçam o narcisismo. A impressão é que o escritor nasce pronto e fechado. Na verdade, não ambiciona nem o elogio, e sim a bajulação.

Percebo uma passionalidade no meio autoral. Ou estão comigo ou contra mim. Não se encontra rua intermediária entre adesão e aversão. Faltam equilíbrio, humor e autocrítica, sobram pose e sectarismo. O escritor não consegue imaginar o leitor refugando seu livro. Até imagina, mas não suporta a idéia de não ser um futuro clássico. Não agüenta a hipótese de não ser lido simplesmente por não dar prazer, o que é uma justificava e tanto. Botou na cabeça que a unanimidade o espera. Adota uma postura extremista e autoritária. Confunde leitura obrigatória com leitura obrigada. Quem não gosta do que ele escreve é naturalmente um inimigo. Quem gosta é um aliado.

Ao constatar resistência ao seu nome, o escritor insinua boicote e perseguição. Culpa a distribuição e a editora, não se envergonha de remanejar seu livro para a gôndola mais visível. Quando não recebe um prêmio, logo pensa que é um injustiçado, que o júri foi comprado, que é um jogo de cartas marcadas, que só funciona o lobby.

Uma tática para se proteger do confronto e do julgamento é avisar que somente o tempo definirá o valor do que se escreve. Ora, não dá para ficar calado até lá, durante no mínimo meio século.

Se o escritor entra na lista dos mais vendidos, é acusado pelos seus colegas de facilitar o trabalho, de piorar seu conteúdo e sua forma de expressão. Recebe a tarja de auto-ajuda, independente do gênero de sua publicação. Pena que a inveja não mata, seria muito mais fácil e um eficiente controle de natalidade na literatura.

A imagem de artista incompreendido e marginal ainda persiste e provoca sucesso nos coquetéis. Os escritores aceitos pela opinião pública parecem que não prestam ou não desfrutam de competência literária. Desde quando o público não é também crítico? Por que se condena o sucesso alheio como se fosse causar infelicidade? O sucesso do outro não nos diminui, não apaga a nossa trajetória, não fecha nossas chances. Verifica-se uma limitação de mentalidade que inspira a enxergar o escritor com êxito como a exclusão do próprio êxito.

Associa-se a cultura ao hermetismo e à privação de comunicação. Grande parte dos literatos quer ser Joyce, sem ao menos ler Balzac. Pensa-se que o experimentalismo não está sustentado pela tradição. Há a crença equivocada que o gênio não será entendido pela sua época. Muito menos sobreviver de seu ofício. Sempre surgirá alguém que acha a orelha de Van Gogh no seu jardim, a lembrar que o pintor não vendeu um quadro em vida.

É regra afirmar que pouco importa a opinião dos outros. O que aparenta independência disfarça o egoísmo. É possível ser autodidata com as virtudes, não com os defeitos. O escritor não pode demonstrar fobia ao diálogo e receio de ser contestado. São premissas da convivência escutar o que não se quer, aprender o que não se desejava, duvidar do que se julgava pronto. Conviver é cultivar o dessemelhante, o contrário, o contraponto.

Acredito que o autor verdadeiramente vivo se importará com a recepção dos leitores, em ser legível e carnal. Mudará inclusive sua voz ao ouvi-los. Essa atitude não significa submissão ao mercado ou ânsia de agradar, mas humildade e despojamento. Ele não estará escrevendo para as gavetas da escrivaninha e do cemitério, escreverá para prolongar o impacto da vida e organizar sua verdade pessoal.

Defendo que o escritor seja influenciado pelos leitores. Cada vez mais. O livro não muda os leitores, os leitores é que mudam o livro. Os leitores devolvem o escritor a si mesmo.

Fonte: Texto recebido por e-mail.

Ana Pismel
www.anapismel.ws